

Alba Maria Zaluar: uma breve biografia-homenagem

Cristiano das Neves Bodart

Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Vice-presidente da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais (ABECS).

E-mail: cristianobodart@hotmail.com



“Eu sou um pouco assim, eu estudo violência, mas eu gosto mesmo é de solidariedade, amizade, amor, reciprocidade... É esse o meu barato” (ZALUAR, 2017).

Alba Maria Zaluar foi uma antropóloga brasileira que deixou grande contribuição aos estudos da Violência, tornando-se referência na América Latina. Nesta texto apresentamos uma breve biografia-homenagem a essa grande intelectual.

Pelo lado paterno, era bisneta de um português militar, poeta e literato. Este participou da Revolta Liberal de 1820 que exigia o retorno da Constituição Portuguesa. Seu envolvimento com esse fato tornou insustentável sua permanência em Portugal, o que o fez vir para Brasil, inclusive incentivado por seu pai que era ligado à corte portuguesa e que havia vindo ao país com Dom João VI (1807) e retornando em 1821 para Portugal com Dom João VI (ZALUAR, 2017). A vinculação com a maçonaria permitiu que seu avô encontrasse no Brasil anfitriões que o ajudariam a se fixar aqui, onde chegou sem nenhum recurso financeiro (ZALUAR, 2017).

Seu avô deixou em Portugal o curso de Medicina, estando no último ano. No Brasil fundou jornais, vindo todos à falência. Criou colégios e trabalhou com peças teatrais e traduções da língua francesa. Sua vida financeira no Brasil foi instável. Casou-se com uma baiana rica, contudo seu filho mais velho os levaram à falência.

De sua parte materna, Alba Maria Zaluar era bisneta de uma espanhola e um português que imigraram para o Brasil. Aqui nasceu Biancolina Ramos Pinheiro, mãe de Zaluar. O nome de sua mãe, que remete a um província italiana, deu-se porque seus avôs serem assíduos no Teatro Municipal, onde costumavam ouvir ópera, especialmente daquele país. Na família materna, Zaluar tinha primos vinculados à diversas correntes ideológicas, o que não era um problema nas reuniões familiares que costumavam ocorrer (ZALUAR, 2017).

Seu pai, Achilles Emílio Zaluar, estudou em Escola Militar, tendo se desligado dela no último ano. Acabou formando-se em Medicina, contudo, manteve relações com os colegas da antiga escola por toda a vida, inclusive tratando gratuitamente da saúde destes.

Alba Maria Zaluar era primogênita de quatro irmãos. Viveu inicialmente no Grajaú (onde nasceu, em 2 de junho de 1942), depois no Maracanã e no Jardim Botânico do Rio de Janeiro (RJ). Na tenra infância estudou no Instituto de Educação, depois na Escola Pedro Ernesto, escola pública localizada no bairro Jardim Botânico. No ensino básico ganhou diversas medalhas de mérito escolar. Relata Zaluar (ZALUAR, 2017) que teve nesse período excelentes professores que a motivavam a estudar.

Seu pai, médico e funcionário público, era um homem culto (ZALUAR; TORRES, 2009). Sua residência era cheia de livros de História e Literatura, sendo frequentada por amigos e parentes que valorizavam o conhecimento. Era comum em sua residência haver reuniões de discussões em torno da Literatura. Havia por parte de seus pais estímulo à leitura e a visitas à biblioteca pública. Assim, os livros fizeram parte da formação de Alba Maria Zaluar (ZALUAR, 2017). Nota-se que Zaluar, embora

não tendo uma família financeiramente rica, teve uma vida relativamente privilegiada em relação aos capitais cultural e social que a família acumulara. Tais privilégios simbólicos, como ela mesma reconheceu em entrevista de 2017, tiveram um papel importante e positivo em sua trajetória escolar, universitária e intelectual.

Influenciada por uma amiga de infância, filha de pais comunistas, e por seu irmão mais novo, também comunista, acabou se convencendo de que devia cursar Ciências Sociais; sendo seu interesse quando criança a psicologia. Depois de ser aprovada nos vestibulares da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi), optou, por conta da gratuidade, cursar esta última (ZALUAR, 2017).

Na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi) conheceu e se integrou ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) e a União Nacional dos Estudantes (UNE). Zaluar afirmou em entrevista (2017) que havia aprendido muito mais sobre o país participando desses dois grupos do que em sala de aula. Ainda na graduação conheceu o maceioense Alberto Passos Guimarães Filho, um físico comunista, com quem teve contato nas reuniões do PCB na FNFfi em 1962. Com ele se casou um ano depois.

No seu último ano de graduação, em 1965, por repressão da Ditadura Militar chegou a ser conduzida para o Dops a fim de que delatasse seus companheiros do PCB. O capital social que seu pai possuía junto aos colegas da Escola Militar foi mobilizado com vistas a livrá-la das mãos dos policiais que a interrogava (ZALUAR, 2009; 2017). Depois desse episódio, antes mesmo de colar grau, em dezembro, exilou-se para a cidade de Uppsala, na Suécia – onde já se encontrava seu esposo desde agosto, também exilado¹. Lá, em contato com as biografias de Stalin e Lenin, deixou de ser comunista (ZALUAR, 2017). Da Suécia Zaluar migrou, em 1966, para a Inglaterra, acompanhando o esposo que foi cursar o doutorado em Manchester. Nessa universidade se aproximou dos estudos de Antropologia Social e de Etnografia Urbana, cursando Diploma for Advanced Studies, uma espécie de cursos de especialização. Nesse período Max Gluckman, Clyde Mitchell e Peter Worley, E. P. Thompson e Eric Hobsbawm eram alguns dos professores que lecionavam em Manchester (ZALUAR, 2009).

Seu retorno ao Brasil ocorreu em 1969. Nessa altura seu pai havia se suicidado (possivelmente por conta da repressão da Ditadura Militar) e estava com um filho que nascera na Inglaterra (ZALUAR, 2017). Meses depois acabou voltando para a Inglaterra por conta de inquéritos inconclusos contra ela no Brasil e porque de seu esposo que ainda cursava o doutorado em Manchester. Lá engravidou de seu segundo filho, quando então resolveram retornar em definitivo para o Brasil (ZALUAR, 2009).

Seus estudos em Manchester, resultaria anos depois, na organização da coletânea “Desvendando as Máscaras Sociais” (1975), que reúne textos clássicos sobre dimensões variadas da pesquisa antropológica (GREGORI, 2019).

¹ Este conseguiu sair do Brasil graças a uma bolsa que seus ex-professores conseguiram para ele na Suíça.

Ao voltar para o Brasil, após participar de alguns cursos no Museu Nacional, tornou-se, em 1970, bolsista do mestrado em Antropologia Social, sendo orientada por Roberto da Matta. O tema de sua pesquisa, no campo da Antropologia da Religião, foi voltado ao catolicismo popular. De sua dissertação saiu o livro “Os Homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular” (1973).

Após ter sido aprovada em três concursos para docente na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e não ter sido efetivada por perseguição política, disputou vaga de professora na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), tendo sido aprovada em primeiro lugar. Para lá se mudou com seus dois filhos, ficando o esposo no Rio de Janeiro. Em 1974 pediu licença sem vencimentos na UNICAMP para retornar ao Rio de Janeiro, afim de tentar salvar seu casamento. Nessa cidade trabalhou na Finep, em uma pesquisa sobre nutrição. Foi nessa ocasião que se interessou pela Cidade de Deus (ZALUAR, 2017), o que viria a ser mais tarde seu objeto de pesquisa.

Após 14 anos seu primeiro casamento chegou ao fim. Em 1977 se divorciou de Alberto Passos Guimarães Filho, com quem teve dois filhos, um menino e uma menina.

Já de volta a UNICAMP, em 1979 deu início a seu doutoramento na Universidade de São Paulo (USP), quando efetivamente iniciou seus estudos sobre a violência na Cidade de Deus, tendo sido orientada por Eunice Durham (GREGORI, 2019; ZALUAR, 2017). Zaluar (2009) relatou que nesse período – seus filhos sendo já maiores e estando na escola – pode fazer o que sempre desejou: ir a campo fazer sua pesquisa na Cidade de Deus.

Sua passagem na USP foi assim destacada por ela:

[...] a experiência na USP ofereceu-me a possibilidade de unir aquele cabedal de conhecimentos que tinha adquirido em Manchester - os estudos de dinâmica cultural e política - com a discussão sobre o futuro do Brasil como nação, sobre o processo de democratização do país (ZALUAR, 2009, p. 3).

Foi durante a pesquisa sobre a violência na Cidade de Deus que conheceu Paulo Lins, que havia sido contratado por ela para realizar as entrevistas (ZALUAR, 2017), as quais posteriormente deram origem ao livro (1997) e ao filme (2002) “Cidade de Deus”.

A defesa de sua tese de doutoramento, intitulada “A máquina e a revolta” ocorreu em 1984, tendo sido publicada em formato de livro no ano seguinte. Obra que lhe renderia o Prêmio Jabuti, em 1999. Como destacou Gregori (2019, p. 2):

Na linhagem da crítica à Teoria da Marginalidade e ao conceito de cultura da pobreza, *A Máquina e a Revolta* (São Paulo: Brasiliense, 1984 – a 3.a edição em 2002) traz uma análise pioneira a expor, nos moldes qualitativos da investigação antropológica, o início das organizações criminosas do tráfico de drogas, bem como a retroalimentação entre a dinâmica dessas organizações e a polícia. O livro não se resume, porém, à exposição dramática desse cenário violento. Nele, Alba mostrou o vigor da vida cultural e política local, fazendo com

que essa seja uma das etnografias mais importantes sobre movimentos sociais urbanos no final da ditadura militar e início da redemocratização.

Em 1991, já casada com Vicente Barreto, defendeu na UNICAMP sua tese de Livre Docência intitulada “Cidadãos não vão ao Paraíso” – publicada em livro no ano de 1994. Em seguida se aposentou na UNICAMP, onde havia lecionado por 20 anos (ZALUAR, 2017; GREGORI, 2019).

Ao se aposentar foi para a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), para o Instituto de Medicina Social, onde, no primeiro momento como professora visitante; tornando-se professora titular dessa universidade em 1994. Na UERJ atuou como docente por mais 20 anos, onde fundou o Núcleo de Pesquisa em Violências (Nupevi) e atuou na Pós-Graduação em Sociologia.

No ano de 1996 publicou “Condomínio do Diabo” e “Da Revolta ao Crime S.A”. Já em 2000 foi a vez da obra “Violência, Cultura e Poder” e, em 2004, lançou “A Integração Perversa: pobreza e tráfico de drogas”; obras relevantes para os estudos de violência e Antropologia Urbana.

No ano de 2001 atuou como assessora especial de Segurança Participativa na cidade do Rio de Janeiro. Em 2002 esteve lecionando em Stanford University como professora visitante da pós-graduação, tendo lá atuado no Centro de Estudos Latino Americano. Após suas aposentadoria compulsória, em junho de 2012, passou a atuar como professora visitante no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IESP/UERJ).

Dentre suas produções estão muitos artigos publicados em jornais de expressão nacional como O Globo, o Jornal do Brasil e a Folha de São Paulo, na qual foi colunista semanal entre os anos de 2006 e 2008 (GREGORI, 2019).

Em 2012, Alba Zaluar recebeu o Prêmio Roquete Pinto da Associação Brasileira de Antropologia, solenidade de reconhecimento de sua importante colaboração a essa área do conhecimento. Em se tratando de premiações recebidas, podemos citar ainda: Medalha de Mérito Pedro Ernesto (2007), dada pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro; Cientista do Nosso Estado (2010), concedida pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro e; Medalha Chiquinha Gonzaga (2017), concedida pela Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro.

Dentre as pesquisas mais recentes e de maior impacto está aquela apresentada em 2013, “Homicídios no entorno de favelas no Rio”, realizado em parceria com Christovam Barcellos. Nesse mesmo ano passou a integrar o Conselho Editorial da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), permanecendo até o fim de sua vida.

Seu último livro foi publicado em 2017. Em parceria com o psicanalista Luiz Alberto Pinheiro de Freitas, lançou uma biografia de Ailton Batata, famoso traficante da Cidade de Deus, intitulado “Cidade de Deus: a história de Ailton Batata, o sobrevivente”. Tratava-se também de uma reparação

moral a esse morador que foi importante para a pesquisa que deu origem ao livro e ao filme “Cidade de Deus” (de Paulo Lins), mas ignorado pelo autor da obra e pelo produtor do filme. Embora não tivesse participação na exclusão de Ailton Batata, sentiu-se no dever de dar-lhe a publicidade que julgava ser merecida.

Seus últimos artigos científicos publicados foram “Police and Gendered Labor Performances: Hypermasculinity and Policing as a Masculine Function” (2017), “Religião, Política e Antagonismo no Congresso Nacional” (2018), “Retomar o debate logo (2018)” e “Os medos na política de segurança” (2019). Além desses, Zaluar publicou ao longo de sua carreira acadêmica mais 67 artigos científicos, organizou/publicou 12 livros, 56 capítulos de livros, escreveu ao menos 100 artigos de jornais, além de dezenas de trabalhos apresentados em anais de congressos regionais, nacionais e internacionais.

Realizou pesquisas na área de Antropologia Urbana, sobretudo sobre pobreza, violência e religiosidade. Na Pós-Graduação em Sociologia da UERJ, atuou com as seguintes temáticas: Pobreza, Políticas Sociais, Teoria da Reciprocidade e Violências. Ao longo de sua carreira, nas universidades por onde passou, orientou 22 dissertações de mestrado e 21 teses de doutorado. Se considerava uma professora presente nas orientações e não raramente tornando-se amiga de seus orientandos e orientandas (ZALUAR, 2017).

Em se tratando de suas influências intelectuais, disse em entrevista de 2017:

Marcel Mauss é outro que também me influenciou muito. E tem os marxistas mais pesados. O Stuart Hall, tem uma ligação muito forte, mais forte do que o Norbert Elias, porque o Norbert Elias mistura Weber com Marx, com Freud. Ele faz uma mistura bem interessante. Eu gosto muito dele, acho muito criativo. Mas do lado dos marxistas é o Gramsci, que também teve uma importância muito grande na minha formação.

Zaluar foi uma pesquisadora ativa até o fim de sua vida. Seu Currículo Lattes é uma prova disso, tendo sido atualizado duas semanas antes de falecer. Fato que ocorreu no Rio de Janeiro, no dia 19 de dezembro de 2019, em decorrência de câncer no pâncreas, com o qual lutou por quase dois anos. Zaluar se despediu da Antropologia e da vida aos 77 anos.

Referências

GONCALVES, R. B. ; ZALUAR, Alba Maria. Religião, Política e Antagonismo no Congresso Nacional. *Polifonia Revista Internacional Academia Paulista de Direito*, v. 2, p. 179-211, 2018.

GREGORI, Maria Filomena. Obituário para Alba Zaluar. Associação Brasileira de Antropologia. 2019. Disponível em: <http://www.aba.abant.org.br/files/20191220_5dfcd751adfab.pdf>. Acesso em: dez. 2019.

ZALUAR, Alba Maria; GRIPP, C. A. . Police and Gendered Labor Performances: Hypermasculinity and Policing as a Masculine Function. *Vibrant* (Florianópolis), v. 14, p. 39-57, 2017.

ZALUAR, Alba Maria. *A Integração Perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

ZALUAR, Alba Maria. *Alba Maria Zaluar (depoimento)*. Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 27min). 2017.

ZALUAR, Alba Maria. *Cidadãos não vão ao Paraíso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

ZALUAR, Alba Maria. *Condomínio do Diabo*. Rio de Janeiro: Revan/Editora da UFRJ, 1996

ZALUAR, Alba Maria. *Da Revolta ao Crime S.A.* Rio de Janeiro: Moderna, 1996.

ZALUAR, Alba Maria. *Desvendando as Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1975.

ZALUAR, Alba Maria. *Entrevista a Alba Zaluar*. Entrevista realizada por Lilian de Lucca Torres. Ponto Urbe [Online], 5, 2009. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1598>. Acesso em: dez. 2019.

ZALUAR, Alba Maria. *Os Homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

ZALUAR, Alba Maria. Os medos na política de segurança. *Estudos Avançados*, v. 33, p. 7-22, 2019.

ZALUAR, Alba Maria. Retomar o debate logo. *RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, v. 12, p. 357-360, 2018.

ZALUAR, Alba Maria. *Violência, Cultura e Poder*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2000.

Recebido em: 20 de dezembro de 2019

Aceito em: 30 de dezembro de 2019